

O principado dos professores doutores na província dos coronéis ¹

The principality from professors doctors in the province of colonels

Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle
Doutorando em Sociologia Política
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
gustavosmirdele@gmail.com

RESUMO: Este artigo é baseado numa etnografia do encontro entre a sociedade de Campos dos Goytacazes-RJ (406.989 habitantes, Censo 2000 do IBGE), e o corpo docente e técnico-administrativo da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), implantada em 1993 por Darcy Ribeiro. Aborda-se a representação da UENF como um “disco voador”, onde cumpre papel central a figura do *professor doutor*, personagem estranho aos hábitos e à cultura locais. O estudo identifica também as representações da sociedade de Campos pelos *professores doutores* da UENF, marcadas pela mediação de símbolos do chamado atraso socioeconômico como a monocultura canavieira, a força das oligarquias e a herança colonial e escravocrata. A consideração adicional de conflitos internos ao ambiente da UENF permite afirmar que a interação dos mundos de Campos e da UENF efetivamente ocorre no dia-a-dia do *campus* universitário. A análise atribui à condição de *professor doutor* o caráter de símbolo dominante (conforme Victor Turner) desta interação entre culturas.

Palavras-chave: Universidade e Sociedade; Representações Sociais; UENF; Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT: This article is based on the ethnographic study about the encounter between the population of Campos dos Goytacazes, and the faculty from the Northern Fluminense Darcy Ribeiro State University (UENF). UENF was established in 1993 based on a project designed by an influential Brazilian professor and politician, Dr. Darcy Ribeiro. This study identified the existence of a public representation of UENF as being a “flying saucer” and of its professors as Extra-Terrestrial Aliens. Meanwhile, the study also found that UENF’s faculty perceives the local society as being tainted by backward forms of economic and political arrangements such as the persistence of sugarcane monoculture, and the control of political power through the use of political mechanisms inherited from colonial and slavery times. The existence of internal conflicts within the UENF community suggests that interaction between the two cultures occurs in day-to-day basis inside the university campus. This analysis considers that condition of *Philosophy Doctor* held by every UENF faculty member as a focal symbol (according to Victor Turner) of this cultural clash.

Keywords: University and society; Social Representations; UENF; Campos dos Goytacazes.

1. O problema sociológico: UENF e Campos dos Goytacazes

Este artigo se baseia numa pesquisa que caracterizou os impactos culturais da implantação da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) no município de Campos dos Goytacazes (RJ). O estudo caracteriza o estranhamento recíproco que se verificou entre a população local – marcada por vários traços associados à tradição – e a coletividade de pesquisadores da UENF, assinalada por múltiplas origens nacionais e culturais e bruscamente inserida no con-

¹ Artigo baseado na dissertação de mestrado “*UENF e Campos: encontro de dois mundos – uma etnografia da interação entre a coletividade da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a sociedade de Campos dos Goytacazes, RJ, 2002/2004*”, orientada pelo professor Marcelo Carlos Gantos, PPGPS/CCH/UENF.

vívio desta mesma população. A UENF foi implantada em 1993, e a pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada no período 2003-2004.

Para caracterizar este choque cultural, foram identificadas as representações da UENF por parte de um segmento importante da sociedade local (profissionais da área de Comunicação Social, sobretudo jornalistas) e as representações da sociedade local pela coletividade dos pesquisadores da referida universidade. Este trabalho se fundamentou em referenciais da Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici², e utilizou recursos do chamado método etnográfico, valendo-se da contribuição de autores como Victor Turner, Malinovski, Marcel Griaule, Roberto Da Matta e outros. Foram realizadas 21 entrevistas com atores representativos do ambiente cultural local e atores ligados à comunidade acadêmica da UENF, em sua grande maioria, de 19, do tipo não diretivo. Embora não tenham solicitado anonimato, os entrevistados serão aqui citados por nomes fictícios. Também, se adotou o método da observação participante com anotações de campo.

A inquietação que constituiu o motor inicial da pesquisa foi a constatação de que a UENF era sistematicamente percebida pela população local como “estranha” e “distante”, ainda que se esforçasse, em sua pauta de pesquisas e em suas estratégias institucionais de comunicação, por se apresentar como instância colocada a serviço do desenvolvimento regional³. A universidade era apreendida como algo externo ao contexto local apesar da freqüente presença da instituição no noticiário dos veículos locais de comunicação. Então, afinal, qual seria o problema?

Do ponto de vista sociológico, o problema estava na falta de assimilação da diferença cultural – tanto por parte da população local, quanto dos pesquisadores atraídos para o município de Campos. O desenrolar da pesquisa trouxe à visibilidade uma densa simbologia, por meio da qual o estranhamento e o conflito se materializaram. Da parte da população local, a UENF era representada como um “disco voador”, e seus pesquisadores, como “marcianos”. Por sua vez, da parte dos pesquisadores da UENF, a sociedade de Campos era percebida como uma espécie de entulho pré-moderno: um lugar de coronéis e oligarquias rurais, um remanescente do escravismo no século XXI.

² Em linhas gerais, a Teoria das Representações Sociais define-se como uma espécie de meio-termo entre as concepções sociologizantes derivadas do conceito de representações coletivas de Durkheim e as noções individualizantes da Psicologia Social de tradição anglo-saxônica, conforme Sá (1998).

³ O autor deste artigo já atuava então, como atualmente, na Assessoria de Comunicação da UENF.

Para entender esta dinâmica de representações, será necessário recapitular, ainda que brevemente, alguns aspectos da implantação da UENF em Campos e o contexto cultural local. Por um lado, a implantação da universidade corresponde ao êxito de uma mobilização comunitária e política que conseguiu não apenas incluir a criação da UENF na Constituição Estadual de 1989, por meio do mecanismo de emendas populares, como também cumprir os requisitos legais posteriores para que o artigo 49 das Disposições Transitórias da Constituição não se tornasse letra morta (ALVES e LIMA, 2003). A luta por uma universidade faz eco a todo um passado grandioso do município de Campos, que era reconhecido, na virada do século XIX para o século XX, como um dos mais importantes e populosos do país, com expressivos sinais de inserção na modernidade⁴.

Por outro lado, o modelo de universidade subjacente a este movimento comunitário e político – baseado na incorporação de antigas instituições de ensino superior locais, como ocorreu em várias partes do país – foi frontalmente contrariado quando o então governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola delegou ao educador Darcy Ribeiro, no início dos anos 1990, a iniciativa de definir o formato institucional da nova universidade. Entre outras inovações, o modelo de Darcy de uma universidade com ênfase na pesquisa e na pós-graduação implicou a maciça importação de doutores para compor o corpo docente da UENF⁵.

Na concepção de fundo do Plano Orientador desenvolvido por Darcy Ribeiro (1993), fundamentado na noção de “universidade necessária” (DARCY RIBEIRO, 1982), a UENF seria implantada em Campos como alavanca para a modernização do município e de seu entorno. Modernização não apenas econômica, que haveria de vir pelo desenvolvimento de novas tecnologias aplicáveis às atividades produtivas regionais, mas ainda modernização política, social e cultural. Tratava-se, em síntese, de formar uma nova elite supostamente capaz de liderar

⁴ No final do século XIX, por exemplo, Campos contava com serviços de iluminação a gás e, em 1883, de iluminação pública a eletricidade, constituindo-se na primeira cidade da América Latina a usufruir de tal benefício, conforme Projeto Memorial do Norte Fluminense – Solar da Baronesa. Campos dos Goytacazes, RJ, janeiro de 2002. Sobre o apogeu econômico de Campos, ver também Alves (1995).

⁵ Usamos o termo “importação” em sentido mais amplo, significando a atração de pesquisadores que não atuavam até então em Campos. Mas em boa parte estes cientistas eram literalmente estrangeiros. Em 2004, o percentual de estrangeiros em sentido estrito no corpo docente da UENF era de 17%.

um processo de desenvolvimento socioeconômico em novas bases – bases distintas da velha monocultura da cana-de-açúcar⁶.

Como se vê, tal modelo traz implícita uma predisposição para o choque e para o conflito. Choque com uma velha ordem que haveria de dar lugar a uma nova realidade social, econômica e política. Como imaginar que uma empreitada como esta pudesse ser efetuada de forma “harmoniosa”? Como supor que tal missão, entendida como civilizatória, pudesse prescindir de uma série de conceitos prévios e valorativos sobre o “campo de missão”? E, como cogitar que a sociedade local se resignasse ao papel de bárbaros necessitados de civilização?

Este é, em linhas gerais, o problema político associado à implantação da UENF. Aliás, o caráter político deste problema ficaria explícito em 2001, quando a UENF se embrenhou numa mobilização aguerrida de seus três segmentos (professores, estudantes e funcionários) contra a manutenção do modelo que a submetia administrativa e financeiramente a uma fundação mantenedora. A fundação era, desde sempre, o braço político do governo do Estado, e na ocasião mais aguda do conflito o Palácio Guanabara era ocupado por um político de Campos, o então governador Anthony Garotinho. Portanto, o problema político se referia à alegada necessidade de a UENF se desembaraçar dos mecanismos tradicionais de controle político dominantes em Campos. Mas, a forma como este conflito se materializou envolveu muitas sutilezas, sendo evidente que esta análise, como qualquer outra, não deixa de conter uma dose de generalização e simplificação.

2. Um disco voador: a UENF na visão do sujeito local

A primeira vez que a metáfora do disco voador foi ouvida, pelo autor deste artigo, foi quando um então reitor *pro-tempore* da UENF a utilizou em algum momento entre janeiro e julho de 1999. À época, o “disco voador” soou como mera ilustração das dificuldades de popularização da instituição junto à sociedade de Campos, não parecendo ter maiores implicações. No entanto, a mesma expressão ressurgiu com impressionante vitalidade no decorrer das entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa, cinco anos depois. Ela foi mencionada, e com forte ênfase, tanto por um jornalista local, quanto por um pesquisador carioca que fez doutorado nos Estados Unidos e se sentia deslocado no ambiente cultural local: “Depois, quando ela se insta-

⁶ Esta concepção pretensamente “civilizatória” da missão da UENF em Campos viria a ter forte influência nas representações que os pesquisadores construiriam sobre a sociedade campista e nos conflitos que foram objeto desta pesquisa.

lou, ela parecia um disco voador pousado e com as portas fechadas por dentro. Era um corpo estranho à sociedade campista”, disse o jornalista⁷.

A UENF, decididamente, ela não é parte ainda da sociedade campista. Ela está aqui fisicamente, existem muitos técnicos que moram inclusive nessas áreas de mais baixa renda, técnicos de campo, né (...). Mas a UENF não está incorporada ainda à vida da comunidade. Figurativamente, é um disco voador que desceu aqui (...)⁸.

Variações da mesma noção estão presentes em todas as entrevistas não diretivas, realizadas junto a indivíduos pertencentes ao âmbito cultural local durante o desenvolvimento da pesquisa. Tomemos alguns trechos: “(...) a UENF tem um bom ensino, mas tem um grave defeito: ela não sai de dentro do corpo dela para conversar com a comunidade, pra se mostrar para a comunidade. Ela é muito fechada”⁹. “Acho que falta à UENF se desprender mais lá do *campus* e conviver mais aqui dentro da cidade. Acho que a UENF é uma coisa muito estanque dentro do ambiente de Campos”¹⁰. “(...) É como se a universidade, se ela ficar em Campos ou em Marte, não faria muita diferença... ou nos anéis de Saturno, não sei”¹¹.

Tanto o “disco voador” quanto a referência aos anéis de Saturno, tal como são mencionados no discurso dos jornalistas locais, soam como categorias acusatórias. Não surpreendentemente, as representações da sociedade local por parte dos pesquisadores seguem em linha análoga, como se verá a seguir.

3. A “província” dos coronéis

Reduzida a seus traços fundamentais, a representação da sociedade de Campos dos Goytacazes (RJ) pelos pesquisadores entrevistados pelo trabalho que embasa este artigo é a de um lugar de cana, monocultura e oligarquias. Por questões metodológicas e pragmáticas, o recorte da pesquisa envolveu um grupo limitado de indivíduos, conforme descrito no início deste texto. Mas, há indícios contundentes de que as considerações aqui efetuadas possam ser em boa medida generalizáveis para outras situações de interação de atores locais (de Campos) com atores sociais “estranhos” a este ambiente cultural. Isto poderia ser testado mediante a aplicação de metodologias quantitativas que não estiveram no escopo deste trabalho.

⁷ Jornalista Joaquim Alves, nome fictício, como todos os demais entrevistados.

⁸ Professor Alberto Silva.

⁹ Jornalista Frederico de Souza.

¹⁰ Jornalista Fernando Gomes.

¹¹ Jornalista José Carlos Cardoso.

A presença da atividade canavieira nas representações da região de Campos por indivíduos de outras origens é habitual e coerente com a força da cana-de-açúcar na história e na economia local. Esta representação não envolve apenas a esfera econômica, mas, sobretudo, o âmbito socioeconômico e cultural. Nos estádios campistas de futebol, por exemplo, é comum que torcedores dos grandes clubes cariocas dirijam-se a atletas ou à torcida local com insultos do tipo "Vai cortar cana!". Num trecho que não pareceria central de sua entrevista, uma pesquisadora da UENF faz eco a esta realidade:

Minha mãe toda hora falava (...) porque a gente não conhecia Campos. Carioca não conhece o Norte Fluminense, essa que é a verdade. A gente ouvia falar de Campos, "é, parece que deve ter um monte de cana lá (...)" (*risos*) "tudo ignorante". E minha mãe falava muito mal (...).¹²

O ícone da monocultura canavieira e das oligarquias surge em outro depoimento, também ele carregado de uma visão crítica da realidade social local.

Pergunta: Qual foi, digamos assim, a impressão que o senhor teve quando chegou (a Campos)?

Professor Cláudio Maciel: Uma cidade marcada pela atividade canavieira, né? Uma situação bem típica de região de monocultura, está certo? Uma oligarquia muito forte e (...) representantes, entre aspas, da cidade e o resto (...) as oligarquias se divertiam no Rio, Europa, Estados Unidos (...). Mas aqui era o lugar de trabalho.

Mesmo um cientista tipicamente campista, o primeiro indivíduo nascido em Campos a integrar o corpo docente da UENF¹³, descreveu, em sua entrevista, o incômodo "provincianismo" da sociedade de Campos, onde, apesar da decadência do poder do usineiro, teria persistido a mesma mentalidade. Outra pesquisadora entrevistada – pertencente ao universo cultural local, embora não nascida em Campos – descreve certa nostalgia que o habitante nativo teria dos tempos áureos da cana-de-açúcar:

Então o campista tem essa tatuagem de um dia ter sido o dono, ter tido o monopólio do açúcar, como teve o monopólio do gado. E, por outro lado, ele luta de todas as formas para não perder isto. Mas ele sabe que já perdeu, ele sabe que tem que correr atrás. Então, ele vem buscando novos caminhos.¹⁴

Mesmo quando os referenciais da cana, do mundo agrário e das oligarquias não são explicitados, o material de pesquisa demonstra o agudo desconforto dos pesquisadores entrevistados com o ambiente cultural local. Um professor latino-americano, vindo diretamente de Nova Iorque para Campos, em 1994, descreve o primeiro contato como "chocante", a ponto de ter tido problemas de saúde e ter sido aconselhado pelo seu médico a ir morar na praia de Grussa-

¹² Professora Emília Cortes.

¹³ Professor Geraldo Barreto.

¹⁴ Professora Vanda Carvalho.

í. Segundo o pesquisador¹⁵, eram três os ingredientes “mortais” da vida em Campos: o barulho, o calor e a chuva preta (fuligem).

4. Encontro marcado no *campus*

A esta altura, talvez o leitor seja levado a supor que estes dois mundos – o de Campos e o da UENF – tenham sido, de tal maneira, distintos que nenhum diálogo ou interpenetração tenha sido possível. A rigor, certas indicações do trabalho de campo chegaram a sugerir esta vertente de interpretação, como a imagem da universidade sediada “nos anéis de Saturno”, apresentada por um jornalista de Campos, ou o relato de um pesquisador quanto à incapacidade de se entrosar com interlocutores locais, por meio do circuito de festas de aniversário de crianças (quase sempre uma instância de sociabilidade), por absoluta falta de afinidade. Mas, a observação atenta do dia-a-dia no *campus* universitário indicou que o encontro entre os “marcianos” do “disco voador” e os habitantes deste estranho mundo da cana e das oligarquias rurais efetivamente se deu, e de forma reveladora, nas relações estabelecidas no convívio do ambiente acadêmico.

Para compreender o que se está esboçando, o leitor terá que considerar que em linhas gerais o corpo docente da UENF se identifica com os “estrangeiros” (naturais de outros países ou de outros estados da federação brasileira, portanto “estranhos” ao ambiente cultural local) e que o corpo técnico-administrativo se identifica com os atores locais. O levantamento realizado em 2004 indicou que 60% dos professores doutores não eram nascidos no Estado do Rio de Janeiro, sendo que 17% de todo o corpo docente era formado por indivíduos literalmente estrangeiros¹⁶. Embora não tenha sido possível precisar o número de doutores oriundos culturalmente de Campos, é mais ou menos evidente que se podiam contar nos dedos os cientistas com este perfil¹⁷. Entre os servidores técnico-administrativos, bem ao contrário, 89% são nascidos no próprio Estado do Rio de Janeiro. Quanto menor o nível de instrução, maior o percentual de servidores nascidos no Estado do Rio, de tal maneira que os fluminenses representavam, em 2004, 98% dos servidores de nível elementar operacional e 83% dos técnicos de nível superior.

¹⁵ Professor Rodrigo Mendes.

¹⁶ 9,4% hispano-americanos, 5,5% europeus e 2,4% de outras origens nacionais.

¹⁷ No levantamento efetuado para este trabalho, detectou-se que em agosto de 2004 pelo menos dez professores doutores da UENF (cerca de 4% do total) poderiam ser classificados culturalmente como “campistas”.

Este cenário fornece o enquadramento para se entender o encontro dos dois mundos no ambiente universitário. O conflito que até aqui se descreveu, como algo que envolvia a UENF e a sociedade de Campos, se fez presente no *campus* universitário na forma do conflito entre os professores doutores (tidos como “estrangeiros”) e os servidores técnico-administrativos (tidos como “campistas”). As notas de campo dão conta de uma percepção, amplamente, disseminada no ambiente da UENF quanto a uma rígida hierarquia de poderes, que situa no topo o professor titular (doutor experiente e líder de grupo de pesquisa) e na base os servidores de menor grau de escolaridade. Entre estes níveis extremos, percebe-se uma diversidade de patamares separados entre si não apenas por fronteiras institucionalmente demarcadas, mas sim por “fossos” ou obstáculos percebidos como intransponíveis. Desse modo, embora o conflito mais evidente seja aquele que se dá entre professores doutores e servidores técnico-administrativos em geral, ele também opõe ora professores titulares a professores associados, ora técnicos de nível superior a funcionários de nível fundamental, e assim por diante.

Algumas expressões e imagens registradas nas anotações de campo ilustram esta argumentação. Significa dizer que as informações não foram obtidas apenas em entrevistas, mas muitas vezes por meio da anotação de situações espontâneas do dia-a-dia no *campus*. Para uma servidora de nível superior ouvida pelo estudo, os “funcionários” (servidores técnico-administrativos) são considerados como meros “tarefeiros”, ou seja, atores capazes tão somente de executar ordens. Segundo outra anotação (referente a episódio ocorrido em 01/04/04), um servidor de nível médio comemora uma resolução do Conselho Universitário da UENF que homologa o enquadramento dos servidores técnico-administrativos nos níveis prescritos por uma Portaria da Reitoria. Em diálogo espontâneo com o autor desta pesquisa, o informador manifesta surpresa com o fato de os “funcionários” terem sido objeto da atenção do Conselho Universitário, já que, conforme seu relato, “quem não tem ‘DR’ (título de doutor) não é nada” e, na percepção dos professores doutores, os servidores técnico-administrativos “não foram pagos para pensar, mas sim para trabalhar”.

Outra anotação, pinçada de uma conversa informal com uma jovem professora doutora da UENF, desenvolvida em março de 2004, sugere a associação da condição de professor doutor a uma espécie de patologia, que esta informadora diagnostica como “doutorite”. O principal sintoma desta alegada anomalia seria uma postura pedante, artificialmente superior. Citando dois colegas que com ela cursaram doutorado e se tornaram docentes da UENF, a informadora menciona um caso não resolvido de “doutorite” e outro “felizmente” revertido.

Sem o mesmo senso de humor – pelo contrário, até com uma faceta amarga –, outra informadora menciona diagnóstico semelhante. Funcionária não concursada da instituição durante vários anos até junho de 2002, esta informadora tomou conhecimento das proposições deste trabalho indiretamente, por meio do relato de uma estudante de mestrado do Centro de Ciências do Homem da UENF. Ao comentar com a ex-funcionária a tese conflito entre doutores e não-doutores, conforme anteriormente exposto em seminário público, a mestranda ouviu da interlocutora uma afirmação enfática da pertinência de tais constatações. A informadora em questão, que antes de trabalhar na Universidade tinha sido uma conceituada professora de Língua Portuguesa numa tradicional escola pública de Campos, disse ter sido vítima de humilhações por parte de doutores da UENF em diversas oportunidades.

À luz de tais reflexões, fica clarificado que o conflito externo e o conflito interno são, em verdade, manifestações distintas de uma mesma contenda. A UENF vista como fechada e estranha pelos representantes do ambiente cultural local é a dos “professores doutores”, em sua esmagadora maioria oriundos de outras cidades, estados ou países. E, essa tensão entre pesquisadores “estrangeiros” (estranhos à cultura de Campos, ainda que brasileiros) e indivíduos campistas se expressa, internamente, na tensão entre professores doutores (em geral, “estrangeiros”) e técnico-administrativos (em geral, campistas). Talvez, este conflito pudesse ser descrito como a oposição entre o cosmopolitismo e o localismo, ou, no dizer de Bauman (1999), entre “turistas” e “vagabundos”.

Um pouco mais de refinamento será suficiente para transpor a este contexto a frase lapidar – emitida sem essa pretensão – de um dos professores doutores entrevistados: “As oligarquias se divertiam no Rio, Europa, Estados Unidos (...). Mas aqui era o lugar de trabalho”¹⁸. Aqui está implícita uma noção de que, à exceção dos membros das elites agrárias, que tinham seus luxos, o campista teria estado historicamente entregue à mecânica alternância entre trabalho e descanso da lavoura. Algo bastante similar se insinua na relação entre professores doutores (o topo da pirâmide de prestígios da UENF) e demais servidores da universidade (a base da pirâmide). A noção de que as oligarquias tratariam os cidadãos como mera força de trabalho mecânica, desprovida de necessidades outras, que não as meramente biológicas e de sobrevivência, corresponde quase perfeitamente à concepção de que os professores doutores tratariam os servidores como meros “tarefeiros”, incapazes de raciocinar e afinal desprovidos de

¹⁸ A transposição da frase ao presente contexto de análise não permite atribuir a seu autor, aqui omitido, a condição individual de cientista arrogante ou habituado a humilhar subalternos.

outras potencialidades, que não a obediência cega a suas ordens. Aliás, o aspecto de “missão civilizatória” implícito no Plano Orientador da UENF, elaborado por Darcy Ribeiro, já refletia uma abertura para se tomar o contexto cultural local como lugar de gente necessitada de lições de civilidade.

Como relatou um dos informadores nativos da UENF, a cultura institucional engendrada na Universidade Estadual do Norte Fluminense teve na típica meritocracia acadêmica uma espécie de superdosagem. Havia um fosso separando os diferentes graus ou instâncias de poder da Universidade, numa estratificação tipicamente verticalizada. Por outro lado, os nativos do universo cultural da UENF tenderam a representar a sociedade campista a partir das afinidades que identificam desse mundo “atrasado” e precariamente moderno com a monocultura canavieira, as oligarquias, os coronéis, e a herança escravocrata. Assim, se (a) o ambiente universitário é por definição meritocrático e verticalizado; (b) se no caso específico da UENF a meritocracia e as relações verticais se implantaram de forma exacerbada; e se (c) a sociedade de Campos é representada pelos pesquisadores (sobretudo os “estrangeiros”, típicos desta coletividade) como um mundo de oligarcas e subalternos; faz bastante sentido que no encontro destes dois mundos cada ator social ocupe o lugar em que melhor se reconheça: a base ou o topo da pirâmide de poderes.

Cumprе reforçar que esta pirâmide não tem, na perspectiva desta etnografia, apenas dois “pavimentos”. A percepção dos nativos da UENF – aí incluídos professores e funcionários –, denota uma rigorosa estratificação de posições, poderes e graus de prestígio:

Profissionalmente aqui existe essa questão: é hierarquizada, uma hierarquia fortíssima, uma discriminação de funções bárbara, e aí começa do docente pra qualquer um técnico; dos docentes de cargo, com cargo em cima dos sem cargo; dos docentes com (...) mais publicações ou mais reconhecido para os iniciantes; aí dos docentes, de qualquer docente, de qualquer chefe docente, qualquer pesquisador docente pra cima de qualquer técnico; do técnico de nível superior pro de nível médio; do ensino médio pro ensino (...) pra (...) pro técnico de (...) de carreira menor. Então, existe essa discriminação de função bárbara¹⁹.

Georg Simmel (1999) dedica atenção especial à questão do conflito. Para o sociólogo alemão, o fenômeno constitui não um acidente da vida em sociedade, mas uma substância, um traço vital do homem social. Segundo Simmel, o conflito é uma força criadora de formas sociais, que se sucedem de modo contínuo, numa primazia de fluxos sobre formas cristalizadas. Se uma leitura menos atenta do problema da interação entre a UENF e a sociedade de Campos

¹⁹ Técnica de Nível Superior Natalina Matos.

poderia levar à conclusão de que ambas as culturas não se misturam e nem mesmo se encontram, os dados levantados vêm demonstrar que a materialização do conflito, no *campus* universitário, estabelece o laço entre as duas instâncias, numa dialética na qual o sociólogo alemão não veria uma síntese definitiva.

5. Professor doutor: um símbolo dominante

Pela força simbólica de sua associação à imagem pública da UENF, a condição de *professor doutor* tem a potencialidade de encerrar tal densidade de significados que poderia ser comparada ao que Victor Turner (1974) chama de símbolo focal ou dominante. Conforme Turner, os símbolos dominantes apresentam três propriedades básicas: condensação, unificação de significados díspares e polarização do significado. Destas, pelo menos as duas primeiras parecem bastante úteis para analisar o caso em questão.

A propriedade da condensação sugere que muitas coisas e ações podem ser representadas por um mesmo símbolo. A segunda propriedade reivindica que, nesta condensação, podem ser agrupados não apenas significados afins ou ligeiramente distintos, mas até opostos, díspares.

O doutorado em 100% do corpo docente manteve-se como uma marca registrada da identidade institucional da UENF ao longo de seus primeiros dez anos de existência, tendo sido a primeira universidade brasileira a ostentar tal condição. A UENF é uma universidade vocacionada para a pesquisa, costuma-se dizer, e o título de doutor distingue a figura do pesquisador.

O professor doutor encerra todas as prerrogativas de excelência e de potencialidade para gerar o desenvolvimento regional requeridas pelo ambicioso projeto de Darcy Ribeiro. Em uma palavra, se a esperada revolução socioeconômica do Norte Fluminense exigisse um ator social no papel de super-herói, este ator seria o conjunto dos professores doutores, o conjunto dos cientistas.

O professor doutor é aquele que não se curva ao domínio das forças político-partidárias, como se evidenciou no movimento pela autonomia da UENF, em 2001. O doutorado é ainda o passaporte para o "Olimpo", de que fala uma informadora do ambiente da UENF. O doutorado, especialmente se obtido no exterior, é uma espécie de selo, como reporta outro informador.

O doutorado, também, pode ser descrito como o rito de passagem por excelência que transforma um campista num “semideus” à vista de seus antigos amigos. No relato de sua volta a Campos, em 1997, após concluir o doutorado numa universidade do Texas, o primeiro campista a ingressar no corpo docente da UENF²⁰ menciona algo que lhe pareceu curioso: seus antigos amigos tinham medo de conversar com ele e de falar “alguma besteira” em sua presença.

Referir-se a uma condição “semidivina” é tangenciar a dimensão do sagrado. Não por acaso, tal dimensão é explicitada por outra entrevistada do grupo da UENF, para quem teria havido, nos primeiros momentos da UENF em Campos, uma “sacralização” dos professores²¹.

Na experiência inicial da UENF (é dela que se está tratando), a figura do professor doutor condensou, portanto, densa gama de significados: a excelência, a capacidade de intervenção na realidade, a força moral e a respeitabilidade diante do poder político, o “passaporte para o Olimpo” e para uma condição quase sagrada ou “semidivina”. Todavia, o símbolo não remete apenas a significados afins (pela valoração positiva), como se elencou até aqui. Ele também unifica significados díspares. Neste sentido, a figura do doutor, por um lado tão admirada, por outro personificou a primeira controvérsia da UENF com a sociedade de Campos, antes ainda de a instituição começar a existir: graças à exigência do doutorado, frustrou-se a expectativa dos professores das antigas faculdades locais quanto à chance de virem a se tornar docentes da nova universidade, que eles tinham ajudado a vir ao mundo.

Os professores doutores, por um lado reverenciados, por outro são maliciosamente referidos como “PhDeuses”. São os “intelectuais guepardos” citados por um jornalista campista²², ou seja, considerados reféns de sua ultraespecialização. Os professores doutores são os “DR” que oprimem seus subalternos, segundo concepção amplamente difundida no ambiente da UENF.

Assim como o rito do “você sabe com quem está falando?” em sua aplicação na sociedade brasileira, conforme Da Matta (1997), o conflito entre servidores públicos de diferentes níveis de qualificação – sendo o conflito doutores x não doutores o tipo mais cristalizado – traduz uma vertente indesejável da cultura institucional da UENF. Assim, como a fórmula descrita

²⁰ Professor Geraldo Barreto.

²¹ Conforme entrevista da professora Vanda Carvalho.

²² Jornalista Francisco Moreira.

por Da Matta, o conflito em questão se materializa no dia-a-dia, e não em situações festivas, solenes ou que de outra forma se considerariam tipicamente rituais. Assim, como o rito do "você sabe com quem está falando?", as fórmulas praticadas no ambiente universitário da UENF marcam um procedimento de "separação radical e autoritária de duas posições sociais real ou teoricamente diferenciadas" (DA MATTA, 1997, p. 181).

6. Considerações finais: novo cenário?

Muita coisa mudou entre a ocasião de elaboração desta pesquisa, em 2003/2004, e o momento de redação deste artigo, em 2007. Um dos tópicos mais salientes é o empenho das administrações da UENF em processar e superar o conflito inaugural que marcou a relação da universidade com a sociedade de Campos. Assim, caberia perguntar: quais seriam as conclusões de uma hipotética pesquisa de mesma natureza realizada agora em 2008?

O problema da exclusão do pessoal das antigas faculdades locais do âmbito da UENF, que nesta pesquisa ocupou lugar central, tende a ser colocado em outros termos. Se a grande massa de tais professores não pôde integrar o corpo docente da UENF, isto não é suficiente para dizer que não haja interação entre as duas instâncias. Como observou uma das informadoras campistas, há profissionais que desempenham uma "dupla ação" – na UENF (como técnicos ou administrativos) e no segmento das faculdades locais (como docentes). Os cursos de mestrado e doutorado oferecidos pela UENF, também, representam uma área de interface entre a Universidade e os profissionais das antigas faculdades campistas, já que muitos têm buscado titulação em nível de pós-graduação.

Entretanto, há outras considerações pertinentes. O confronto entre as representações que reciprocamente constroem a sociedade de Campos (sobre a UENF) e a coletividade da UENF (sobre a sociedade de Campos) traz uma espécie de tentação. Cair nela significaria avaliar em que medida cada um dos vieses de representação estaria "correto" ou "fiel à realidade". Mas a presente perspectiva não se reporta a qualquer parâmetro de "realidade" para definir a UENF ou a sociedade de Campos. Para os efeitos desta reflexão, uma representação será sempre uma representação, e ponto final. Importa identificá-la, analisar seus mecanismos de constituição e reprodução, nunca submetê-la a um suposto "teste de realidade".

Em todo caso, os dados levantados permitem refletir sobre alguns pontos. O mais elementar é que a Universidade Estadual do Norte Fluminense pode ser tomada como fruto de duas ver-

tentes: por um lado, um sonho longamente cultivado pelas elites locais de Campos dos Goytacazes (RJ) e que desembocou nos documentos constitucionais e legais que criaram a UENF; por outro, o desejo da comunidade científica brasileira por universidades “de verdade”, que não apenas transmitissem conhecimento, mas também o gerassem (via pesquisa) e o disseminassem pela sociedade (via extensão universitária). Apesar da ruptura com anseios específicos do grupo que reivindicava uma universidade pública no Norte Fluminense, Darcy Ribeiro pôde conjugar no Plano Orientador da UENF algo de ambas as contribuições. Da vertente campista incorporou, sobretudo, o anseio por uma instituição que gerasse progresso, desenvolvimento. Captou o vigor do anseio coletivo pela retomada da “idade de ouro” de Campos, perdida num passado que já se tornava bem distante. Daí a sua pregação messiânica (para alguns “delirante”) sobre uma universidade que viria inserir o Norte Fluminense “na Civilização Emergente, fundada na ciência e na técnica” (DARCY RIBEIRO, 1993, p. 16). Da vertente acadêmica nacional Darcy Ribeiro incorporou as inovações da UnB (por sua vez derivadas de toda a experiência anterior da UDF, da USP, do ITA e assim por diante, conforme CUNHA, 1983), adequando-as ao novo tempo que se avizinhava com a proximidade da virada do século. Darcy conferiu à UENF o *status* de obra-prima, aquela que concluiria sua vasta contribuição ao Brasil no campo da educação.

À luz do esforço empreendido pela pesquisa, constata-se que o descompasso entre a UENF e a sociedade de Campos nos primeiros anos de existência da Universidade não se refere apenas à experiência de acomodação na convivência entre “estrangeiros” e campistas, embora este pareça ser o aspecto mais notável do problema. Também as duas vertentes que desaguaram na instituição da Universidade – a que nasceu em Campos e a que surgiu da comunidade científica brasileira – indicam desconhecer-se mutuamente. Assim, como a coletividade universitária demonstra não se identificar como herdeira do sonho campista com a sua universidade, a sociedade local tampouco parece se sensibilizar com questões caras à universidade brasileira, como a autonomia frente ao estado, ao mercado e à religião; a liberdade para a pesquisa desinteressada e tópicos afins.

Em suma, deve-se acentuar que este trabalho não se filia a uma perspectiva fatalista quanto ao futuro da interação entre a sociedade de Campos e a coletividade dos professores doutores da UENF. Como registra Darcy Ribeiro (1994b), “o futuro, felizmente, é sempre imprevisível e surpreendente” e “a Universidade Estadual do Norte Fluminense (...) há de ser, no mundo das coisas, tal como a história a fará”.

Referências bibliográficas

ALVES, Heloíza de Cácia Manhães. *Reformas urbanas e poder político: os empresários e o projeto de modernização da cidade de Campos dos Goytacazes 1890/1930*. Niterói: Centro de Estudos Gerais / Universidade Federal Fluminense, 1995. Dissertação de mestrado em História.

ALVES, Heloíza de Cácia Manhães e LIMA, Lana Lage da Gama. *UENF, a Universidade do Terceiro Milênio: uma memória (1993-2003)*. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade crítica: o ensino superior na República Populista*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GRIAULE, Marcel. *Méthode de L'Ethnographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MOSCOVICI, Serge. "The phenomenon of Social Representations". In FARR, R. M. e MOSCOVICI, S. (Eds.). *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MOSCOVICI, Serge. *La Psychanalyse, son Image et son Public*. Paris: PUF (Presses Universitaires de France), 1976.

Projeto Memorial do Norte Fluminense – Solar da Baronesa. Campos dos Goytacazes, RJ, jan./2002.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

DARCY RIBEIRO. *Terceiro milênio: Universidade Estadual do Norte Fluminense – Faculdade de Educação e Comunicação*. vol. 3. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 1994a

RIBEIRO, DARCY. *Carta'*: falas, reflexões, memórias / informe de distribuição restrita do senador Darcy Ribeiro. n.10. Brasília: Gabinete do senador Darcy Ribeiro, 1994b

_____. *Terceiro milênio: Plano Orientador da Universidade Estadual do Norte Fluminense*. vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 1993.

_____. *La Universidad necesaria*. Médico D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

SIMMEL, Georg. *Estúdios sobre las formas de socialización*. Alianza: Alianza Editorial, 1999.

SMIDERLE, Carlos G. S. Moreira. *UENF e Campos: encontro de dois mundos — uma etnografia da interação entre a coletividade da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a sociedade de Campos dos Goytacazes (RJ), 2002-2004*. Campos dos Goytacazes: PPFPS/UENF, 2004. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais)

TURNER, Victor W. “Os símbolos no ritual Ndembu”. In: *Dramas, fields and metaphors — symbolic actin in human society*. Cornell University, 1974.